

# A infância redescoberta em três contos de Clarice Lispector

Mell Brites

*Nada posso fazer:  
parece que há em mim um lado infantil  
que não cresce jamais.*

“A descoberta do mundo” de Clarice Lispector

Nos últimos dez anos de vida, as lembranças da infância passaram a ocupar um espaço mais significativo na obra de Clarice Lispector. Como afirma o biógrafo Benjamin Moser: “Clarice vinha se retirando cada vez mais do mundo adulto [...]. À medida que se aproximava do fim da vida, suas lembranças de um tempo mais feliz assomavam à consciência com crescente insistência” (559). E foi justamente nesse período que a autora se embrenhou no terreno da literatura infantil, incentivada inicialmente por um “pedido-ordem”, como ela própria afirma, de seu filho Paulo.<sup>1</sup>

Se nos textos para o público adulto em que rememora seus tempos de criança, Clarice Lispector retoma suas vivências no Recife sempre marcando o sentimento de desamparo e a vontade de se livrar de uma “infância vulnerável”, “que [...] temia nunca chegar ao fim” (1998: 101), como vemos em “Os desastres de Sofia”, “Felicidade clandestina” ou “Restos do Carnaval”, nos livros infantis vê-se, ao contrário, a constante tentativa, de uma narradora solidária, de aplacar o isolamento do leitor e fazer com que se sinta pertencendo.

Sobressai-se, nesses contos para crianças, as recordações dos animais com os quais a autora teve contato no decorrer dos anos e a relação de afeto que mantinha com cada um deles. Assim, as galinhas que tanto observava quando pequena, os cães Jack, Dilermando e Ulisses, a macaca Lisete, os dois coelhos que pertenceram a seus filhos e até mesmo os “bichos naturais”, que aparecem na casa das pessoas sem ser convidados, como baratas, lagartixas e ratos, tomam o posto de protagonistas em *O mistério do coelho pensante*, *A vida íntima de Laura* e *A mulher que matou os peixes*.

Mas, em um espaço ficcional que se conforma como um bate-papo entre o eu narrador e o pequeno leitor, a ternura que expressa pelos bichos é também direcionada à criança, que não é compreendida pelo adulto, “tem a fantasia solta” e “não tem natureza boba”. A narradora diz, em *A mulher que matou os peixes*: “Tem gente grande que é tão chata! Vocês não acham? Elas nem compreendem a alma de uma criança. Criança nunca é chata” (8). A conversa, nesses livros, se dá em tom amável e acolhedor, criando um território de intimidade onde será possível abordar medos, angústias e dúvidas da criança – e da própria Clarice – a partir do exercício lúdico da imaginação. Da comparação com a galinha, por exemplo, chega-se à noção de beleza: “A verdade é que Laura tem o pescoço mais feio que já vi no mundo. Mas você não se importa, não é? Porque o que vale mesmo é ser bonito por dentro. Você tem beleza por dentro? Aposto como tem. Como é que sei? É que estou adivinhando você” (1999c: 19).

Aquela que narra constrói uma relação de cumplicidade com o leitor criança, assumindo-se como “pessoa grande” que o compreende e o respeita, mesmo não fazendo parte da infância e demarcando a sua diferença em relação àquele que lê: “Vou fazer um pedido para vocês: todas as vezes que vocês se sentirem solitários, isto é, sozinhos, procurem uma pessoa para conversar. Escolham uma pessoa grande que seja muito boa para crianças e que entenda que às vezes um menino ou uma menina estão sofrendo” (1999b: 45). Reforça essa posição de alteridade ao apresentar-se como “C. L.” em *O mistério do coelho pensante*, como “Clarice” em *A mulher que matou os peixes* e ao afirmar que é mãe e escritora. Desse modo, acaba por destituir o narrador de sua condição de ente ficcional abstrato e torna indissociáveis, na sua obra para crianças, a mãe, a mulher e a escritora Clarice Lispector.

Ela escreve, em um esboço de *Água viva*, cuja versão definitiva foi publicada em 1973:

Estou agora em corda-bamba por não estar escrevendo direito. É porque estou escondendo uma coisa. Contarei: comprei uma boneca para mim. Para dormir comigo. Não tenho senão um pouco de vergonha. Mas em menina eu queria tanto uma boneca bonita. [...] Eu tinha tanto amor para dar. E agora o meu amor foi tão grande que se tornou compulsivo. Ela é linda. Já a beijei e abracei. Durmo agarrada com ela (1999a: 477-8).

Apropriando-se de um objeto representativo de sua meninice, a autora revela o desejo de aproximar-se da própria infância, e o “amor compulsivo” pela boneca é também o amor por uma época que aflorava em seu imaginário como mais plena, apesar das dificuldades e do sofrimento representados em seus contos autobiográficos já mencionados. Assim, sua literatura infantil constitui, para além da tentativa de acesso ao outro-criança, uma forma de resgate da Clarice menina.

Crianças e bichos, então, compõem o quadro de uma infância perdida, ou ao menos relegada a segundo plano, que deverá ser redescoberta pela aproximação com esses seres e por meio do exercício da memória, que trará à tona sua condição pueril. Aparecem, além disso, em oposição à existência contraditória dos adultos, que, segundo Laura, a galinha protagonista, “são muito complicados por dentro [...] e até se sentem obrigados a mentir”.

Benedito Nunes diz, sobre os bichos na obra de Clarice Lispector: “[os animais] são mais seguros e mais viços do que nós e, mais do que os humanos, possuem a



existência e o ser. Enquanto os homens, desgarrados do ser, têm um destino a fazer, os animais permanecem no seio da realidade que os engendrou” (125).

Na sua condição instintiva, na sua realidade sem significação, “[...] os bichos constituem, na obra de Clarice Lispector, uma simbologia do ser. Cachorros e vacas, bois e pássaros, mas sobretudo galinhas [...] são os símbolos palpáveis, sensíveis, dessa realidade primordial” (Idem).

Configura-se assim uma oposição entre o humano e o animal, a razão e o instinto, o descontínuo e o contínuo. Na crônica “Bichos (I)”, a autora afirma:

Pareço ter certo medo e horror daquele ser vivo que não é humano e que tem os nossos mesmos instintos, embora mais livres e indomáveis. Um animal jamais substitui uma coisa por outra, jamais sublima como nós somos forçados a fazer. [...] Ter bicho é uma experiência vital. [...] Quem se recusa à visão de um bicho está com medo de si próprio. [...] Mas eu não humanizo os bichos, acho que é uma ofensa – há de respeitar-lhes a natureza – eu é que me animalizo. Não é difícil, vem simplesmente, é só não lutar contra, é só entregar-se (1999a: 332-3).

## Mell Brites

Licenciada em Letras por la Facultad de Filosofía, Letras y Ciencias Humanas de la Universidad de San Pablo (USP), cursa la maestría en Literatura Brasileira en la misma institución. Actualmente estudia el tema de la infancia en la obra de Clarice Lispector y es editora de libros infantiles en la *Compañía das Letras*.



Fica evidente o espanto e a admiração da escritora por seres que, desprovidos de racionalidade, têm uma existência visceral, mais intensa que a do homem, este sempre mediado pela razão e fadado ao sentimento de imperfeição e incompletude.

Em seus livros infantis, esse universo primário dos animais se estende às crianças, dotadas de um olhar espontâneo para o mundo, e em sua obra adulta a outros seres que desfrutaram dessa mesma crueza e concretude, como é o caso de Pequena Flor, a menor mulher do mundo, ou de Macabéa, em *A hora da estrela*. Na crônica “A explicação que não explica”, escreve sobre “A menor mulher do mundo”: “Creio que também esse conto vem de meu amor por bichos; parece-me que sinto os bichos como uma das coisas ainda muito próximas de Deus, material que não inventou a si mesmo, coisa ainda quente do próprio nascimento; e, no entanto, coisa já se pondo imediatamente de pé, e já vivendo toda, e em cada minuto vivendo de uma vez, nunca aos poucos apenas, nunca se poupando, nunca se gastando” (1999a: 240).

Assim, acercando-se dos bichos e de seu leitor infantil, “seres ainda quentes do próprio nascimento”, a escritora aproxima-se de sua infância e das possibilidades latentes de pureza, brutalidade e mesmo animalidade que aquela lhe traz. Ela diz: “Não ter nascido bicho parece ser uma de minhas secretas nostalgias. Eles às vezes clamam do longe de muitas gerações e eu não posso responder senão fico desassossegada. É o chamado” (1999a: 337).

Esse “chamado” animal e infantil que direciona Clarice para o seu eu mais cru, para sua existência profunda, também a coloca mais perto da linguagem essencial que sempre buscou em suas obras. Aquela para quem o ato de escrever foi sempre “procurar entender, procurar reproduzir o irreproduzível, sentir até o último fio o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador” (1999a: 134), debateu-se ao longo de toda

a vida com os limites do dizer, no intento de expressar o inefável. A escrita intuitiva, para a autora sempre uma descoberta, a expunha a um constante sentimento de incompletude e falha, diante do empreendimento de reproduzir a sutileza complexa da existência, de reencontrar, por meio da escrita, “a essência perdida, a conquista da integridade, a realização da totalidade” (Idem: 382).

Nesse viés, sua obra infantil constitui um esforço evidente de contato com uma linguagem mais espontânea. A aproximação a esse modo de expressão leva-a em direção ao rompimento com esse limite frustrante do tentar dizer, ao abandono da inteligibilidade e ao encontro com a linguagem que é instinto e que pode representar melhor os lugares que estão fora do alcance da compreensão.

Então, encorajada pela natureza instintiva dos bichos e das crianças, em seus livros infantis a Clarice mãe, mulher, escritora e narradora se faz mais livre e sincera no contato com o outro e –pode-se dizer– consigo mesma. Acredita que, por meio dessa simplicidade redescoberta, poderá recuperar, mesmo que parcialmente, a sua selvageria e a possibilidade do indizível concretizada no gesto irrefletido do cacarejo da galinha ou no impensado balbucio infantil. É seguindo essa linha de pensamento que, em *Um sopro de vida*, declara: “e eu –só me resta latir para Deus”.

#### Notas

<sup>1</sup> Clarice Lispector publicou cinco livros infantis: *O mistério do coelho pensante* (1967), *A mulher que matou os peixes* (1968), *A vida íntima de Laura* (1974), *Quase de verdade* (1978) e *Como nasceram as estrelas* (1987), sendo os dois últimos póstumos. Neste artigo, trataremos dos três primeiros.

#### Referências bibliográficas

- LISPECTOR, Clarice (1998): *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco.
- (---). (1999a): *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco.
- (---). (1999b): *A mulher que matou os peixes*. Rio de Janeiro: Rocco.
- (---). (1999c): *A vida íntima de Laura*. Rio de Janeiro: Rocco.
- (---). (1999d): *O mistério do coelho pensante*. Rio de Janeiro: Rocco.
- MOSER, Benjamin (2009): *Clarice*. São Paulo: Cosac Naify.
- NUNES, Benedito (1986): *O dorso do tigre*. São Paulo: Perspectiva.

## Después de *Fresa y Chocolate*: Ena Lucía Portela

Miguel Millán Sequeira

Ena Lucía nació en La Habana, Cuba, en 1972. Es licenciada de la Facultad de Letras de la Universidad de La Habana, ciudad en la que vive actualmente. Cuando tenía 21 años fue diagnosticada con la enfermedad de Parkinson, que la acompaña hasta el día de hoy.

Pertenece a la nueva generación de escritores en un país donde, en general, las mujeres han sido más poetas que narradoras. En 1997 su primera novela, *El pájaro: pincel y tinta china*, ganó el premio del concurso de la Unión Nacional de Escritores y Artistas de Cuba (UNEAC). Escribió también las novelas: *La sombra del caminante* (2001) y *Cien botellas en una pared* (2002),<sup>1</sup> y es autora de los libros de relatos: *Una extraña entre piedras* (1999) y *El viejo, el asesino y yo* (1999).<sup>2</sup> En el año 2007 la editorial Mondadori editó su novela *Djuna y Daniel*, que previamente había sido publicada en Cuba por la UNEAC, recibiendo ese mismo año el Premio de la Crítica del Instituto Cubano del Libro. Sus novelas han sido traducidas al francés, inglés, portugués, neerlandés, polaco, italiano, griego y turco.<sup>3</sup>

En la última Feria Internacional del Libro de La Habana, realizada en el año 2013, el escritor Reynaldo González (Ciego de Ávila, Cuba, 1940), Premio Nacional de Literatura, dijo: “En *El pájaro: pincel y tinta china*, Ena, a partir de una intertextualidad sabiamente insertada, permite mostrar una densidad cultural que facilita esa comprensión semántica de la presente narrativa cubana y la concepción de un entorno donde los personajes, concebidos con una carga humorística y con diferentes niveles de significación, se mueven a su antojo –o al de Ena–.” Al abordar la figura de la autora expresó: “Orgullo de la literatura cubana, porque a través de su obra exhibe su cultura y su visión de la mujer [...] vive desde adentro el desgarramiento de la sociedad y el sexo, presentes en el desencuentro, la gente sin suerte, con un encanto de la «poesía trágica», en una mezcla donde se pone en primer plano todo lo sórdido del ser humano.”

Resulta incómodo presentar ante el público lector uruguayo a una escritora con todos estos antecedentes de publicaciones, premios y traducciones como si fuera una novedad. Pero esta ha sido una elección, intentar establecer el vínculo profundo entre la cultura literaria –narrativa– del presente histórico cubano y la visión, interesada, compenetrada, de los uruguayos letrados que miran hacia Cuba como un modelo en tantas áreas.

En cuanto a su primera novela: *El pájaro: pincel y tinta china*,<sup>4</sup> lo primero que llama la atención es la integración del jurado que le otorgó el premio, pues se reconoce a Antón Arrufat (escritor cubano nacido en Santiago de Cuba en 1935); Miguel Mejides (escritor nacido

#### Miguel Millán

Licenciado en Letras por la Universidad de La Habana. Desde 1987 ejerce la docencia en Enseñanza Secundaria y en colegios privados. En el año 2009 comienza a trabajar en los Programas Especiales, clases en contexto de encierro. Forma parte del equipo editor de un periódico (*Pres y Diario*) producto del trabajo con alumnos privados de libertad.

Fue columnista a cargo del segmento literario “Clásicos de la literatura latinoamericana” dentro del programa *Más Vale Tarde* emitido diariamente por Radio Nacional, CX 30. Actualmente colabora con artículos en la revista digital *Vaduenuevo*, fundamentalmente sobre la narrativa cubana contemporánea.

En el año 2013 publicó *¡Faltan 4!* (Editorial Fin de Siglo), libro de testimonios. Próximamente la misma editorial publicará un segundo libro del autor sobre testimonios de la historia reciente.

Cursa actualmente la Maestría en Ciencias Humanas, opción Literatura Latinoamericana, en la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, UdelAR.